



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES B1 – LATINDEX  
Nº. 25 – Ano XIII – 05/2024  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística**

Prof. Dr. Flavio Biasutti Valadares  
Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP - Brasil  
Pós-Doutorando em Lusofonia na Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM  
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
São Paulo - IFSP - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/5302107511329665>  
E-mail: [flaviusvaladares@ifsp.edu.br](mailto:flaviusvaladares@ifsp.edu.br)

**Resumo:** O artigo apresenta a pesquisa de Doutorado sobre o uso de estrangeirismos no Português Brasileiro na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística, apoiada em William Labov, Marvin Herzog e Uriel Weinreich; além disso, em autores da área de Lexicologia, como Ieda Maria Alves, Maria Tereza Camargo Biderman e Nelly Carvalho. Em sua metodologia, por meio de levantamento de termos estrangeiros presentes nas revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*, discute os dados por agrupamento de palavras estrangeiras, com menor e com maior ocorrência, dicionarização, origem e classe gramatical, ampliação semântica e estágio de implementação de variação e mudança linguística. Conclui que as palavras estrangeiras compõem o léxico do Português do Brasil, em casos nos quais há ocorrências em fase final de implementação de mudança linguística, outros em fase inicial e, ainda, ocorrências baixas que tendem a desaparecer com o tempo devido à restrição de uso e adoção pela comunidade linguística.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Mudança Linguística. Estrangeirismos.

## Introdução

Historicamente, o uso de estrangeirismos na língua portuguesa sempre ocorreu, em especial no Português do Brasil, ou por empréstimos devido ao contato linguístico, à necessidade de comunicação imediata, ou por uma questão cultural de imposição, por causa de uma necessidade de uso e de entendimento. Contudo, observamos que o desenvolvimento científico e tecnológico mais recente acentuou o importe de palavras estrangeiras. Isso é ratificado por Santos (2006), especificamente em relação aos anglicismos. O autor atesta que

ninguém nega a quantidade enorme de anglicismos, representados pelos termos inevitavelmente oriundos de uma língua do país de onde provém a maior parte dos avanços científicos e tecnológicos, além do universo de consumo e dos negócios, da indústria e do comércio, do vocabulário do entretenimento e manifestações culturais correlatas – enfim, não há, no Brasil, nenhuma área do conhecimento ou atividade humana em que hoje em dia o inglês não tenha se infiltrado. (SANTOS, 2006, pp. 5-6)

Considerado isso, nossa tese teve como objetivo mapear o uso de palavras estrangeiras em grafia original no Português do Brasil, em um *corpus* de revistas impressas de circulação nacional, sendo o problema investigado por nós comprovar processos de implementação de mudança linguística ancorada em palavras estrangeiras dicionarizadas ou não e em palavras estrangeiras em contexto de uso com ampliação semântica, com coleta realizada em 2011, por meio do levantamento e análise dos usos de palavras estrangeiras<sup>1</sup> no Português do Brasil, nas revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*.

É importante pontuarmos que a mídia impressa é tida como inovação e, ao mesmo tempo, tradição. Bagno (2001) ratifica essa ideia:

É cientificamente válido reconhecer que a escrita jornalística contemporânea é, sim, uma excelente fonte para a pesquisa linguística do português brasileiro culto urbano escrito. [...] Quando inovações linguísticas se cristalizam na escrita culta, é porque já se incorporaram definitivamente à gramática da língua, uma vez que a língua escrita culta, como é bem sabido, é mais conservadora e leva mais tempo para absorver as variantes inovadoras, que se manifestam primeiramente na língua falada. (BAGNO, 2001)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Ressaltamos que a coleta de palavras estrangeiras restringiu-se a termos simples, termos com hífen e termos com o auxílio de preposição (caso das palavras de origem latina), tendo sido desprezadas para análise palavras híbridas, expressões e compostas.

Como pressupostos teóricos no desenvolvimento da pesquisa, adotamos, via Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2008), que: 1) a mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade linguística toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada; 2) a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos usuários e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade linguística; 3) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade; e 4) a língua é heterogênea e passível de sistematização, o usuário é fundamental no processo de sistematização de casos de variação.

Traçamos, assim, algumas questões a que buscamos responder, com base em nosso *corpus*, no decorrer da pesquisa: 1] Qual é a incidência atual do uso das palavras que não apresentam similar em língua portuguesa?; 2] Quais são os fatores delimitadores entre o uso menor ou maior de uma palavra em língua estrangeira?; 3] É possível ignorar o uso de palavras estrangeiras frente à frequência de uso?; 4] O uso de palavras estrangeiras afeta o léxico da língua portuguesa?; 5] As palavras estrangeiras dicionarizadas ou não estão passando por um processo de mudança linguística?; e 6] Ampliações semânticas em palavras estrangeiras denotam um processo de implementação de mudança linguística?

Nossa pesquisa, portanto, justifica-se por: a) analisar de processos de implementação de mudança linguística por meio do uso de palavras estrangeiras, contemplando a ocorrência do uso das palavras que não apresentam similar em língua portuguesa, ou seja, palavras estrangeiras utilizadas em grafia original; b) levantar fatores de ordem tecnológica e sociocultural que delimitam o uso de uma palavra estrangeira e c) expor como o uso desencadeia a ampliação do léxico do português no Brasil, por vezes, levando também à ampliação semântica.

Neste artigo, apresentamos os conceitos acerca de estrangeirismos, a Lexicologia e a Teoria da Variação e Mudança Linguística, além de parte dos dados analisados em nossa tese.

<sup>2</sup> Trecho retirado do texto *A dupla personalidade linguística da mídia impressa: discurso prescritivista versus prática não-normativa*. Seminário “Mídia, Educação e Leitura” do 13º Congresso de Leitura do Brasil — COLE. Campinas, 19 de julho de 2001. [www.marcosbagnoli.com.br](http://www.marcosbagnoli.com.br) Acesso em 13/10/2010.

## Os estrangeirismos

Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa: 1] *Decalque* — versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito; 2] *Adaptação* da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, boicote (*boy-cott*), clube (*club*) e drinque (*drink*); e 3] *Incorporação* do vocábulo com a sua grafia original<sup>3</sup>, por exemplo, *hardware*, *check-up* e *best sellers*.

Sandmann (1997) aponta três grupos de neologismos por empréstimos: lexical, semântico e estrutural. O lexical ocorre quando há incorporação de palavra estrangeira em sua forma original, seja no aspecto fonológico-ortográfico (*pizza*), ou no ortográfico (*clip* e *grid*); morfossintático (*campus-campi*); plenamente adaptado à língua portuguesa (*blecaute* e *robe*), ou estar em processo de adaptação (*stand*>estande). O semântico é a tradução ou substituição de morfemas, mantendo marcas da importação (*hot dog*>cachorro quente). No caso do estrutural, é a importação de modelo não vernáculo, como determinante + determinado (videoconferência).

Outro aspecto é o de que os empréstimos linguísticos são imanentes aos sistemas linguísticos e que podem contribuir para a inovação linguística e consequente renovação lexical. Além disso, Carvalho (2002, p. 21) confirma que todos os empréstimos só podem ser reconhecidos ao se adaptarem a padrões criados pelos termos populares, tanto no nível fonológico, quanto na tipologia silábica, além da estruturação morfológica.

Carvalho (2002, pp. 70-4) salienta que o empréstimo, quanto à forma de adoção, pode ser simples, quando constituído de uma unidade lexical apenas; ou composto, quando constituído de mais de uma unidade lexical. Muitos empréstimos compostos são, no entanto, adotados como simples: *pull-over* — pulôver, *roast-beef* — rosbife. Também, a adoção pode ser completa, adoção do conjunto significativo mais significado — nhoque, basquete; ou incompleta, quando ocorre a adoção de

<sup>3</sup> Nossa pesquisa segue essa noção de Biderman (2001), considerando-se também a visão laboviana de que a análise deve ser feita na perspectiva da variável estável e mudança em curso.

um novo significante para um significado já existente na língua — *griffe* em francês, cujo sentido é “empresa criadora, produtora e/ou distribuidora comercial de artigos, ger. de vestuário, luxuosos” (HOUAISS, p. 1.483), no Brasil, adotado como “artigo de luxo assim marcado ou assinado”, isto é, “marca”.

Quanto à forma de derivação, ainda segundo Carvalho (2002), os empréstimos podem ser classificados em diretos e indiretos. O empréstimo direto é aquele que deriva da língua fonte: futebol, por exemplo, que derivou de sua língua de origem, do inglês *football*. O indireto tem a língua fonte como intermediária no processo de adoção: humor (português), do francês *humeur*, mas emprestado para o português do inglês *humour*.

Salientamos a afirmação de Alves (2002, p. 73) de que “o estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulários técnicos – esporte, economia, informática... – como também em outros tipos de linguagens especiais: publicidade e colonismo social” e ampliamos essa afirmação ao observarmos que, além de empréstimos linguísticos externos nestas áreas, os usos se estendem a outras áreas da sociedade e expandem-se aos mais variados grupos sociais, inclusive com ampliação semântica.

Nesse processo, considerando a ampliação do léxico da língua que recebe e consagra o termo estrangeiro, Fiorin (2001, p. 116) afirma que “o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração”. Isso corrobora a ideia de que não é o aportuguesamento de uma palavra estrangeira que vai tornar seu uso mais ou menos efetivo, e sim, sua utilização pelos usuários. Entendemos, ainda, seguindo a noção de Fiorin, que o léxico é o resultado da história de um povo, de seus contatos e de suas relações.

Assim, geralmente, o termo estrangeiro chega a uma língua, passa ao saber técnico – Alves (2002) exemplifica com as áreas de esporte, economia, informática – e dissemina-se entre os usuários comuns. Caso permaneça isolado, o sistema linguístico não é atingido e, então, não se tem efetivamente um empréstimo, mas uma tentativa de disseminação de determinado conceito que não precisou ser utilizado, normalmente, por já existir outro com eficácia sendo usado pelos falantes. (FIORIN, 2001)

Assirati (1998, p. 124) destaca que “o neologismo por empréstimo deve estar em conformidade com as regras morfossintáticas da língua de chegada e adaptar-se a seus sistemas fonológico e ortográfico”. Para Garcez e Zilles (2001, p. 19), “os elementos estrangeiros que surgem do contato linguístico, muitas vezes, têm vida curta, como as gírias, ou são incorporados de modo tão íntimo à língua que os acolhe, pelos processos normais de mudança linguística, que em duas gerações nem sequer são percebidos como estrangeiros”.

Nesse sentido, Campos (1986, p. 34) explica que “o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou”; e Barbosa (2004, pp. 71-2) postula que o estrangeirismo “consiste em transferir (transcrever ou copiar) para a língua-alvo vocábulos ou expressões da língua-fonte que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado na língua-fonte que seja desconhecido para falantes da língua-alvo”.

Cunha (2003, pp. 5-6) considera palavra estrangeira “aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma”. E complementa: “aquela palavra que proveio de uma língua estrangeira (palavra esta que não pertence, portanto, ao nosso patrimônio latino) e que foi introduzida em português e nele perfeitamente adaptada”.

Andrade e Medeiros (2001, p. 260) conceituam estrangeirismo como “palavra estrangeira utilizada dentro de um sistema linguístico sem que faça parte de seu acervo lexical. Ela é sentida como externa ao vernáculo dessa língua”. Para Weg e Jesus (2011, p. 26), “é o uso de termos ou expressões tomadas por empréstimo de outras línguas”. Na visão de Faraco (2001), estrangeirismo

é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. (FARACO, 2001, p. 15)

Jesus (2012, p. 113) considera estrangeirismo “qualquer termo proveniente de um idioma estrangeiro e que, quando assimilado pelos falantes da língua receptora, torna-se um *empréstimo*”. Oliveira e Alves (2007, p. 7) salientam que, “pertencente a outro sistema linguístico, o termo estrangeiro é empregado para cobrir uma lacuna

de denominação em língua vernácula”. Na concepção de Silva (2005, p. 70), é “o uso de qualquer elemento lexical, palavra, locução, ou frase, que tenha sua origem emprestada de outra língua”.

Labate (2008, p. 40) propõe que o estrangeirismo “consiste no emprego, em uma determinada língua, de elementos provenientes de outras línguas”. E acrescenta que “os estrangeirismos ocorrem com frequência no contato entre comunidades linguísticas”. Rocha (1997) explica que se trata de uma palavra ou expressão de origem cujo uso é um dos erros contra a vernaculidade da nossa língua e que só poderá ser aceito se não existir na língua portuguesa um vocábulo que traduza essa mesma ideia.

Prado (2006, p. 38) explicita que estrangeirismos são “todas as unidades que ainda não sofreram adaptação ao português, ou seja, são registradas em sua forma de origem”. Valadares (2014, p. 111) conceitua como “palavras, efetivamente, oriundas de outro sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos”.

Por fim, o conceito proposto por Guilbert (1975, pp. 95-7) indica que o estrangeirismo é “a unidade lexical sentida como externa à língua”, além de considerar que “um termo de origem estrangeira deixa de ser neologismo a partir do momento em que entra no sistema linguístico da língua receptora, ou seja, quando deixa de ser percebido como termo estrangeiro”.

## **Apresentando a Teoria da Variação e Mudança Linguística**

Labov (2008) indica que o sociolinguista

[...] presta maior atenção aos fatores sociais para explicar a mudança; vê as funções expressivas e diretivas da língua como intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em progresso e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade linguística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução linguística. (LABOV, 2008, p. 305)

Alkmin (2001) assinala que o estabelecimento da Sociolinguística, em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores, que buscavam articular a

linguagem com aspectos de ordem social e cultural. Destaca Hymes (1962) e Labov (1963), com a publicação de Hymes de um artigo que propõe um novo domínio de pesquisa, a Etnografia da Fala, e o trabalho de Labov sobre a comunidade da ilha de *Martha's Vineyard*, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada.

Com isso, constatamos que, a partir dos estudos de Labov (1972), a variação passa a ser considerada como inerente, regular e, enquanto tal, passível de uma análise linguística sistemática. Peres (2006, p. 38) ratifica isso ao considerar que “a concepção de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo, ou seja, desvinculado do grupo social que usa essa língua em suas interações diárias, foi adotada pela linguística histórica, pelo estruturalismo e pelo gerativismo”, isto é, como indica Lorengian-Penkall (2004),

os estudos de Labov não se situam à margem de uma linguística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido em um contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, por exemplo, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas categóricas da língua, mas as variantes – formas alternativas de se dizer a mesma, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer mostrar a existência e o funcionamento de regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível. (LORENGIAN-PENKALL, 2004, p. 70)

Gonçalves (2008, p. 43) indica que “a variação no uso das formas alternativas linguísticas parece caótica à maioria dos estudiosos da escola estruturalista, mesmo que a ocorrência do fenômeno esteja limitada a um contexto bem definido [...]”. No mesmo trecho, autor destaca que “a variação na fala parece aleatória ou livre para o estruturalismo americano, que não admite uma análise mais rigorosa” e que “a geração seguinte de linguistas, de princípios mais abstratos, opta por concentrar a sua atenção no falante/ouvinte ideal que, simplesmente não apresenta o tipo de variação dita livre por uma questão de priorização dos objetivos de estudo”.

Peres (2006, p. 38) explicita que, por outro lado, “houve aqueles que consideraram a heterogeneidade da língua, não a vendo dissociada de sua comunidade de falantes – por exemplo, Meillet, Schuchardt, Sapir e os linguistas do Círculo Linguístico de Praga (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968)”. E complementa: “esses estudiosos não elaboraram nenhum método para se estudar



sistematicamente a complexidade dos dados de fala e para se pesquisar a mudança linguística”.

Galvão e Nascimento (2008, p. 357) postulam que, “ao assumir a competição entre forças internas e externas atuando na configuração de um sistema linguístico, a Sociolinguística Variacionista refuta a univocidade da relação entre estrutura linguística e homogeneidade” e ratificam que, “para esse modelo teórico-metodológico, a heterogeneidade ordenada é natural e inerente a todo sistema linguístico efetivamente usado em situações reais de interação”.

Para Lucchesi (2012, p. 794), “a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico”, isto é, “o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social (LABOV, 1982, p. 18)”.

Entendemos que a Sociolinguística, como indicam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013), Mollica (2003), Cezário e Votre (2008) e Gonçalves (2008), trata de evidenciar a heterogeneidade inerente da linguagem, demonstrando que a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais. Também, entendem a variação como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

Afirmamos, então, que Labov é, de fato, o primeiro linguista que evidencia cabalmente a variação linguística como ordenada, padronizada e sistemática, por meio de seus, hoje, clássicos estudos: 1963, com a investigação da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard; 1966, com o estudo sobre o /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque e, 1972, com o estudo sobre o desaparecimento da cópula no inglês falado por adolescentes negros do Harlem, em Nova Iorque.

Em se tratando da análise sociolinguística, procedimento adotado na tese, Mollica (2003) considera que a abordagem da Teoria da Variação e Mudança Linguística a instrumentaliza, observando que “esta linha é adotada em função de ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística”. (MOLLICA, 2003, p. 11)

Nesse aspecto, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam um esboço dos problemas para os quais uma teoria da mudança deve fornecer respostas:

a) fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis); b) transição (os estágios intervenientes entre dois estados da língua); c) encaixamento (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social); d) avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua); e) implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época). (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 17)

Labov (2008) mostrou que a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística.” (LABOV, 2008, p. 19)

### **O corpus e a análise dos dados**

O levantamento de ocorrências de uso de palavras estrangeiras no Português do Brasil foi feito com base em uma seleção de edições das revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*, visto que a imprensa, conforme Carvalho (2002), é a via de acesso de inúmeras modificações da linguagem, notadamente dos empréstimos à língua estrangeira. As três revistas selecionadas para a construção do *corpus* de pesquisa são de circulação nacional e tiragem semanal, com cerca de, juntas, 3 milhões de exemplares semanais. Além disso, apresentam propósitos semelhantes, como tratar das questões mais polêmicas e atuais que acontecem no país e no mundo, assim como uma grande variedade de assuntos, desde política até cultura, passando por economia, esportes e saúde. Utilizamos edições referentes a quatro semanas do mês de setembro de 2011, totalizando doze volumes. Com isso, a nossa coleta nos garantiu dados quantitativos para a análise, que integrou uma abordagem percentual a uma discussão qualitativa dos dados.

Ao considerarmos que a variante conservadora é a forma linguística mais forte dentro da comunidade de falantes e que a mídia impressa configura-se como um veículo para sua transmissão, entendemos que algumas atitudes linguísticas são

motivos de demarcação de espaço, de identidade cultural e de elaboração do perfil de uma comunidade, o que influencia nos processos de variação e mudança linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico.

Especificamente, sobre a coleta dos dados, adotamos, como procedimento para o levantamento das ocorrências, todas as palavras em grafia estrangeira<sup>4</sup>, independente da origem, de modo quantitativo, e, conforme informamos na introdução desta tese, a coleta de palavras estrangeiras restringiu-se a termos simples, termos com hífen e termos com o auxílio de preposição (caso das palavras de origem latina), tendo sido desprezadas, por nós, para análise, palavras híbridas, expressões e termos compostos. Com isso, abarcamos toda e qualquer palavra que não faça parte da língua portuguesa na sua forma vernácula, em nosso *corpus*.

Também, desconsideramos palavras que representaram reprodução de fala, uma vez que objetivamos, por meio dos dados, constatar o uso de palavras estrangeiras e processos de variação e mudança linguística, sendo a língua escrita, de certa maneira, mais sedimentada e menos flutuante; bem como não coletamos palavras inseridas em anúncios publicitários, já que nosso objeto de pesquisa está relacionado aos textos com tipologia efetivamente de articulação expositivo-argumentativa.

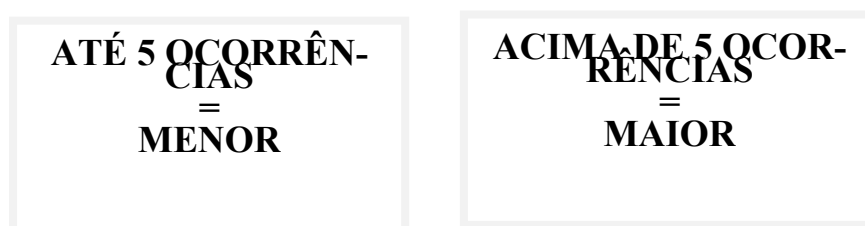
Por fim, para melhor apresentar nossa análise, optamos pela classificação dos dados em âmbito de uso tecnológico, quando o termo estrangeiro é utilizado por causa do desenvolvimento científico, de uma nova tecnologia e do próprio contexto de globalização, sobretudo veiculada em língua inglesa, por ter os Estados Unidos, na atualidade, o *status* de força hegemônica global. Em âmbito sociocultural, quando o termo estrangeiro é utilizado devido às trocas, aos contatos linguísticos, independentemente do país. Como critério para classificar em sociocultural, utilizamos a procedência da palavra a partir de áreas como esporte, moda, publicidade, música, arte, culinária e economia.

Feitos tais recortes e seguindo Silva e Scherre (1996), adotamos o princípio metodológico que norteia o trabalho do pesquisador variacionista, que deve ter como procedimento:

<sup>4</sup> Neste levantamento, incluem-se as palavras em Latim, por considerarmos que, metodologicamente, este procedimento é o adequado, posto que o termo latino não fora aportuguesado e tem seu uso em grafia original, caracterizando-se como uma palavra estrangeira.

1) identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua; 2) inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes; 3) levantar hipóteses que deem conta das tendências sistemáticas da variação linguística; 4) operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística; 5) identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado com a interpretação dos resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (SILVA e SCHERRE, 1996, pp. 39-40)

Em nossa coleta, os critérios relativos à classificação em menor e maior ocorrência foram estabelecidos a partir do levantamento nas 3 revistas pesquisadas/12 edições do quantitativo de palavras, tendo sido feito o cálculo para se chegar a esses números a partir de uma amostragem por número de palavras utilizadas em cada uma das revistas, conforme quadros:



Frisamos que nossa base foi estatística/probabilidade para chegar a esses números e definimos que o número superior a 25 ocorrências indicou ocorrência alta, a média ficou entre 6 e 22 e a baixa em 5 ou menos ocorrências. A partir desse quantitativo, traçamos a análise específica dos dados, considerando sempre a relação *type-token* (191-1.157).

Ao verificarmos os casos de menor ocorrência, constatamos que há palavras com menor ocorrência, mas com alta frequência, em outros meios, como: *air bag*, *blitz*, *business*, *chip*, *diet*, *experts*, *hacker*, *laptops*, *light*, *nerd*, *netbook*, *outdoor*, *piercing*, *pizza*, *play/playground*, *shopping*, *skate*, *socialites* e *workshops*.

Por outro lado, palavras como: *(ar)rastracuero*, *accountability*, *ashtanga*, *baccalauréat*, *beatnik*, *blockbuster*, *branding*, *cakepops*, *castellers*, *cookie*, *cosplay*, *crash*, *cruise*, *cupcakes*, *dervixe*, *drone*, *fouet*, *hukou*, *mainstream*, *mashup*, *modellhut*, *off-label*, *peeler*, *phishing*, *porterhouse*, *pulp*, *rating*, *readymade*, *retweet*, *riffs*, *roast*, *spread*, *trouvé*, *waterboarding*, *wingsuit* e *streaming* apresentaram baixa ocorrência, configurando ora uso restrito à área (*waterboarding* e *wingsuit*, por

exemplo), ora tentando implementar um novo conceito (*mashup* e *blockbuster*) na tentativa de extrapolar um âmbito restrito de uso.

Contudo, esclarecemos que a alta ocorrência de termos estrangeiros como *internet*, *show* e *site* reflete, de alguma maneira, um estágio posterior na entrada de tais palavras, implementação e aceitação pelo usuário, porque são palavras que, comprovadamente, transitam em todas as áreas e setores da sociedade, ratificando sua condição de termo estrangeiro emprestado, uma vez que não houve seu aportuguesamento, apenas acomodação fonética, o que legitima nossa hipótese de que está em estágio final de implementação da variação e mudança linguística.

A seguir, um quadro com todas as ocorrências de palavras estrangeiras em cada uma das revistas pesquisadas:

**Quadro 1 – Palavras estrangeiras utilizadas  
– revistas *Época*, *Isto É* e *Veja***

	<b>TOTAL = 191 <i>types</i></b>	<b>É P O C A</b>	<b>I S T O É</b>	<b>V E J A</b>		<b>TOTAL = 191 <i>types</i></b>	<b>É P O C A</b>	<b>I S T O É</b>	<b>V E J A</b>
1	(ar)rastracuero			X	96	lobby		X	X
2	accountability	X			97	mademoiselle			X
3	affair		X		98	mainstream	X		
	aaffaire	X			99	maison		X	X
4	air bag		X		100	marketing	X	X	X
5	apartheid		X	X	101	mashup		X	
6	ashtanga			X	102	mise-en-scènes		X	
7	babyliss			X	103	miss	X	X	X
8	baccalauréat			X		misses		X	X
9	beatnik		X		104	modellhut		X	
10	best-seller	X		X	105	nerd	X		
	best sellers	X	X	X		nerds	X		
11	bike	X			106	netbook	X		
	bikes	X			107	networking	X		
12	blitz	X			108	noir	X		
13	blockbuster		X		109	nonsense			X
	blockbusters		X		110	notebook	X		
14	blog/blogs	X	X	X		notebooks	X		
	blogs	X	X	X	111	off-label			X
15	blues		X	X	112	online/on-line	X	X	X
	bluesman			X	113	outdoor		X	
16	bluetooth		X			outdoors	X		X
17	boeing		X		114	paparazzi		X	
18	book		X		115	pax		X	
19	boom		X	X	116	peeler			X
20	botox		X		117	per capita	X	X	X
21	branding			X	118	phishing			X
22	bullying		X	X	119	piercing			X
23	bunker		X	X	120	pixels			X
24	business	X			121	pizza			X
25	cakepops		X		122	play/playground		X	
26	campi	X			123	pool		X	
	campus	X	X		124	pop	X	X	X
27	castellers		X		125	porterhouse	X		
28	chef	X	X	X	126	portfolio		X	
	chefs	X	X	X		portfolios		X	
29	chic			X	127	post		X	
30	chip	X				posts	X		
	chips		X		128	prints		X	
31	closet		X		129	pulp			X
32	coach			X	130	punk	X	X	
	coaches		X		131	ranking	X	X	X
	coaching		X	X		rankings	X		X
33	commodities			X	132	rapper	X		X

34	cookie		X			rappers			X
35	cosplay	X			133	rating	X		
36	crack	X	X	X	134	readymade		X	
37	crash	X			135	reggae			X
38	cruise	X			136	reiki			X
39	cult	X			137	remake	X		
40	cupcakes		X			remakes			X
41	deck	X			138	resort			X
42	deficit <sup>5</sup>	X	X	X	139	retweet	X		
	deficits	X			140	riffs		X	
43	dervixe		X		141	roast			X
44	design	X	X	X	142	rock	X	X	X
	designer designers	X	X			rock'n'roll rock-and-roll	X		X
45	diet		X		143	round			X
46	download	X	X		144	royalties		X	X
	downloads			X	145	scanner		X	
47	drone	X			146	set		X	
48	dumping	X				sets			X
49	e-books	X			147	sexy		X	X
50	e-commerce		X		148	shopping		X	
51	ego	X				shoppings		X	
52	e-mail	X	X	X	149	show	X	X	X
	e-mails		X	X		shows	X	X	X
53	e-reader	X				show biz showbiz		X	X
	e-readers	X			150	single	X		
54	experts		X		151	site	X	X	X
55	fashion		X			sites	X	X	X
56	fast-food			X	152	skate	X		
57	feedback		X		153	skinhead		X	
	feedbacks		X			skinheads		X	
58	flash	X	X		154	slogan	X		X
	flashes		X			slogans			X
59	folk		X		155	smartphone	X	X	X
60	fouet			X		smartphones	X	X	X
61	frenesi			X	156	smoking	X		
62	führer		X		157	snowboard			X
63	funk	X	X	X	158	socialites	X		
64	game	X			159	soft			X
	games	X	X	X	160	software	X	X	X
65	gay	X	X	X		softwares			X
	gays	X	X	X	161	soul		X	X
66	glamour	X			162	spiritual			X
67	gospel			X	163	spray		X	
68	grid		X		164	spread			X
69	grunge			X	165	squash			X
70	habitat		X	X	166	stands		X	
	habitats			X	167	stand-up	X		
71	habitué			X	168	status	X	X	X
72	hacker	X	X		169	streaming	X		X
	hackers	X		X	170	stress			X

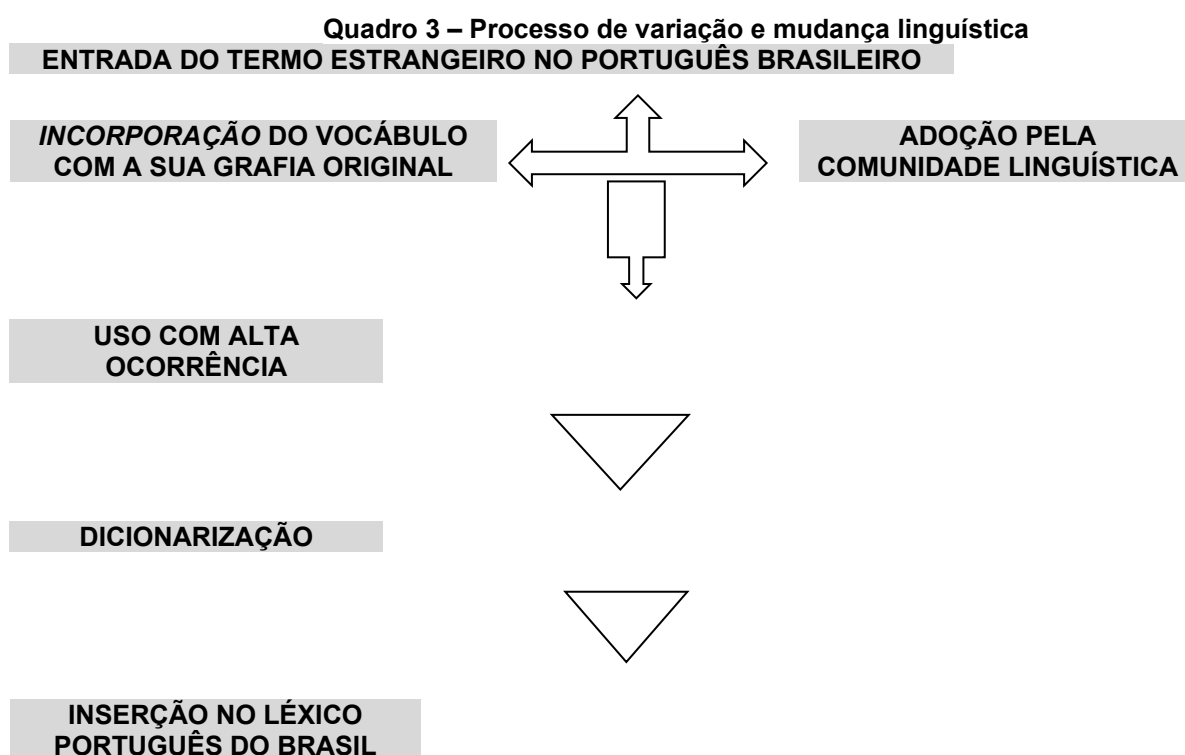
<sup>5</sup> Alguns usos do termo se apresentaram com acento, em sua forma aportuguesada, conforme o dicionário Houaiss. Optamos por inseri-las na coleta e manter a grafia tal qual fora feita no texto das revistas pesquisadas, como frisamos na metodologia.





No caso dos termos em estágio final do processo de variação e mudança linguística: o das palavras estrangeiras com alta ocorrência – *e-mail*, *internet*, *ranking*, *show* e *site*, a frequência e a alta ocorrência propiciaram o entendimento de que o estágio de implementação da variação em direção à mudança linguística ocorreu com efetividade, compondo o acervo lexical da língua e, possivelmente, uma integração tal que o usuário desses termos não os identifica como estrangeiro, mas sim, como da língua utilizada no Brasil.

Nessa perspectiva, elaboramos um quadro explicativo sobre o que constatamos ser o processo de variação e mudança linguística, com a consequente implementação, em termos de uso da variável em situação estável:



Alves (2002, p. 79) situa que “o emprego frequente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português”. A esse respeito, cita o substantivo *jeans*, “unidade lexical tão usada contemporaneamente, parece-nos já adaptada à língua portuguesa e manifesta-se, por isso, como um empréstimo ao nosso idioma”. A partir desse apontamento de Alves, fizemos a análise dos casos de alta ocorrência: *e-mail*, *internet*, *ranking*, *show* e *site*.

Esses termos apresentaram um total de 438 ocorrências, representando 37,85% do total de ocorrências, numa relação *type-token* (191-1.157). Assim, no campo das mudanças linguísticas, citamos Zilles (2001, p. 156), que explicita: “os empréstimos de palavras ou expressões são em geral associados a atitudes valorativas positivas do povo que os toma em relação à língua e à cultura do povo que lhes deu origem”. Coincidentemente, todas as palavras que apresentaram alta ocorrência são de origem inglesa e estão ligadas à área de cultura e/ou à de tecnologia.

Outro aspecto refere-se ao não aportuguesamento, apesar de haver/ter havido essa possibilidade: correio eletrônico (adotado institucionalmente pelos órgãos públicos), rede mundial/internacional (uma aproximação possível mantendo o mesmo sentido), posição/posicionamento, espetáculo e sítio (adotado, por exemplo, no Português de Portugal e, no Brasil, institucionalmente pelos órgãos públicos). Ao mesmo tempo, sua dicionarização em grafia original corrobora nossa tese de variação e mudança linguística. Por fim, o fato de não ocorrer ampliação semântica, exceto no caso da palavra *show*, também explica a adoção do termo estrangeiro, pela comunidade linguística, em seu sentido literal e grafia original.

Sobre esse aspecto, citamos Labov (2008, p. 290), que afirma: “de fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente ‘têm o mesmo significado’”. Isso nos conduz ao entendimento de que a mudança linguística ocorreu pela preferência quanto à manutenção das formas estrangeiras em detrimento da possibilidade de um termo em Português, ou mesmo, do aportuguesamento dos importes.

Assim, seguindo Labov (2008, p. 313), “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística”, e isso implica a mudança linguística, em nossa visão, promovendo a opção do uso do termo estrangeiro. Com isso, os casos de alta ocorrência, *e-mail*, *internet*, *ranking*, *show* e *site*, indicam que a implementação ocorreu e que seu estágio já se configura como variável estável, que abarca a aceitação de uso pela comunidade linguística, com sua adoção indiscriminada em qualquer contexto de uso; em outras palavras,

as observações em tempo aparente conectadas às observações em tempo real permitem que se verifique a mudança em progresso. A análise da mudança em tempo aparente é apenas um prognóstico, uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer, portanto, constitui-se como uma hipótese. A articulação entre presente e passado permite evidenciar estágios variáveis e mudanças que aconteceram (tempo real) e que estão em curso (tempo aparente). (COAN e FREITAG, 2010, p. 177)

Em nossos dados, as palavras com alta frequência indicam que o processo de variação e mudança linguística encontra-se em um estágio avançado, podendo ser por nós apontado como já incorporadas ao Português do Brasil, uma vez que são palavras de uso irrestrito pela comunidade linguística, independente de fatores sociais e/ou geográficos, como é o caso de *blog* que está dicionarizado em inglês e aportuguesado, mas que não teve nenhuma ocorrência em forma aportuguesada nas revistas pesquisadas.

Além deste exemplo, *internet* e *site* são outros exemplos que denotam a circulação dos termos estrangeiros em grafia original indistintamente nos grupos sociais, apesar de o Manual de Redação da Presidência, por exemplo, trazer sítio para *site*. Não verificamos o uso em língua portuguesa nas revistas pesquisadas da palavra sítio, bem como *internet* com a grafia rede mundial. Também, como indicam os gramáticos Cipro Neto e Infante (1998, p. 109), “quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque – normalmente itálico: *shopping center, show, stress*)”, o que verificamos é que não ocorreu a indicação dos termos estrangeiros com alta ocorrência com esses recursos gráficos, isto é, todos foram escritos como se fossem uma palavra de língua portuguesa, sem qualquer distinção visual das demais.

Tem-se, então, a nosso ver, a ratificação de que os termos com alta ocorrência já integram o léxico do português utilizado no Brasil, como termos de nossa língua, independente de sua origem, e mais, como variável estável que já passou pelo processo de variação e mudança linguística. A seguir, um quadro com todas as palavras com maior ocorrência e seu respectivo quantitativo em nosso *corpus*. Na sequência, o trecho no qual cada uma das palavras com maior ocorrência é utilizada:

Quadro 4 – Palavras estrangeiras (maior ocorrência)

PALAVRA ESTRANGEIRA A	T <sup>7*</sup>	PALAVRA ESTRANGEIRA	T*	PALAVRA ESTRANGEIRA	T*
<i>best-seller</i>	05	<i>game</i>	03	<i>punk</i>	11
<i>best sellers</i>	10	<i>games</i>	05		
<i>blog</i>	18	<i>gay</i>	06	<i>ranking</i>	37
<i>blogs</i>	08	<i>gays</i>	08	<i>rankings</i>	05
<i>blues/bluesman</i>	09	<i>habitat</i>	04	<i>rock/rock'n'roll</i>	21
		<i>habitats</i>	02	<i>rock-and-roll</i>	
<i>bunker</i>	13	<i>impeachment</i>	07	<i>sexy</i>	07
<i>chef</i>	12	<i>internet</i>	123	<i>show</i>	51
<i>chefs</i>	06			<i>shows</i>	66
				<i>show biz/showbiz</i>	03
<i>coach</i>	01	<i>jazz</i>	11	<i>site</i>	92
<i>coaches</i>	02			<i>sites</i>	18
<i>coaching</i>	07				
<i>crack</i>	09	<i>link</i>	01	<i>skinhead</i>	01
		<i>links</i>	09	<i>skinheads</i>	12
<i>deficit</i>	12	<i>marketing</i>	22	<i>smartphone</i>	05
<i>deficits</i>	01			<i>smartphones</i>	07
<i>design</i>	12	<i>miss</i>	10	<i>software</i>	09
<i>designer</i>	09	<i>misses</i>	04	<i>softwares</i>	02
<i>designers</i>	06				
<i>download</i>	08	<i>notebook</i>	03	<i>status</i>	11
<i>downloads</i>	02	<i>notebooks</i>	04		
<i>e-books</i>	09	<i>online/on-line</i>	09	<i>tablet</i>	13
				<i>tablets</i>	14
<i>e-mail</i>	42	<i>per capita</i>	07	<i>trailer</i>	12
<i>e-mails</i>	03				
<i>e-reader</i>	03	<i>pixels</i>	07	<i>tsunami</i>	06
<i>e-readers</i>	03			<i>tsunamis</i>	01
<i>funk</i>	06	<i>pop</i>	27		

Classificamos, também, as maiores ocorrências, conforme as áreas de uso, em âmbito tecnológico e em âmbito sociocultural. Em nossa coleta, das palavras estrangeiras com maior ocorrência (40 *types*), verificamos que 10 foram utilizadas em âmbito estritamente tecnológico e 27 no sociocultural. No entanto, 3 – *blog/blogs*, *e-books* e *e-reader* – transitaram com utilização mista, ou seja, demonstram que a circulação de uso ultrapassou o âmbito originalmente previsto para elas, quando da entrada no léxico do Português do Brasil.

No âmbito tecnológico, as palavras estrangeiras foram: *download/downloads*, *e-mail/e-mails*, *internet*, *link/links*, *notebook/notebooks*, *pixels*, *site*, *smartphone/smartphones*, *software/software*s, *tablet/tablets*. No sociocultural: *best-seller/best sellers*, *blues/bluesman*, *bunker*, *chef/chefs*, *coach/coaches/coaching*, *crack*, *deficit/deficits*, *design/designer/designers*, *funk*, *game/games*, *gay/gays*,

7

\* T = total de ocorrências, consideradas as 3 revistas/12 edições.

*habitat/habitats, impeachment, jazz, marketing, miss/misses, per capita, pop, punk, ranking/rankings, rock/rock'n'roll/rock-and-roll, sexy, show/shows/show biz/showbiz, skinhead/skinheads, status, trailer e tsunami/tsunamis.*

É importante salientarmos que as palavras estrangeiras *blog*, *e-books* e *e-reader* poderiam ser consideradas, em princípio, apenas de uso em âmbito tecnológico, já que trata-se de uma nova tecnologia; em nossos dados, ocorreu também uso no âmbito sociocultural, uma vez que houve a apropriação de sentido equivalente em língua portuguesa e não uma menção literal à tecnologia: *blog*/diário; *e-books*/livros em formato digital; *e-reader*/leitor de livro em formato digital.

## Conclusão

Confirmamos nossos pressupostos teóricos no decorrer da pesquisa, ao comprovarmos que a mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade linguística toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada, caso das palavras estrangeiras com maior ocorrência no universo pesquisado.

Também, chegamos à conclusão de que a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos usuários e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade linguística, o que se comprovou na frequência alta de palavras como *pizza*. Além disso, confirmamos que nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade, como em *site*/sítio. Outro ponto refere-se à língua em seu aspecto heterogêneo, passível de sistematização, quando o usuário se torna fundamental no processo de sistematização de casos de variação: *internet* é um exemplo.

Com isso, respondemos às questões por nós levantadas e constatamos que a incidência atual do uso das palavras que não apresentam similar em língua portuguesa é relativamente alta, mas não o suficiente para ameaçar nosso sistema, o que se comprova quando verificamos que os fatores delimitadores entre o uso em menor ou maior escala de uma palavra em língua estrangeira passam pela necessidade de se atribuir um significante para um significado, fruto de desenvolvimento de uma nova tecnologia, por exemplo, caso de *notebook*.

Ao questionarmos se é possível ignorar o uso de palavras estrangeiras frente à frequência de uso e se o uso de palavras estrangeiras afeta o léxico da língua portuguesa, entendemos que o uso de termos estrangeiros é necessário à medida que a comunidade linguística assim o considera e que essa medida justamente propicia que o léxico não seja afetado a ponto de se criar “uma outra língua”.

Outro aspecto considera a efetiva dicionarização das palavras estrangeiras e o processo de mudança linguística em que se encontram. Nesse ponto, pudemos constatar que a dicionarização de uma palavra estrangeira não necessariamente a leva a um uso efetivo pela comunidade linguística – como no caso de *dervixe* – mas o fato de não constar em dicionário pode ser indicativo de início de implementação da variação.

Por fim, sobre as ampliações semânticas em palavras estrangeiras que denotam estar em um processo de implementação de variação e mudança linguística, verificamos que tal ampliação torna-se indicativo bem consistente de que o termo estrangeiro já se encontra em estado final de implementação, uma vez que os usuários da língua não só o acolheram como também produziram novos sentidos, indicativo cabal de sua inserção no léxico da língua.

Dessa forma, com os dados coletados, comprovamos que a incidência de empréstimos linguísticos no português brasileiro é considerável e que isso não afeta, como amplamente atesta a literatura sociolinguística, o sistema da língua portuguesa. Além disso, por meio do levantamento que fizemos, propusemos uma análise em direção à implementação de mudança linguística em progresso, ora em estágio inicial, ora em estágio final, o que comprovamos em relação às palavras estrangeiras que compuseram nosso *corpus* de análise.

Assim, configuramos nossa tese e chegamos à finalização deste trabalho, citando Carvalho (2009):

O caminho talvez esteja na preferência, prioridade, para a língua portuguesa no encontrar os caminhos que o idioma nacional oferece sem, porém, deixar-se tomar de xenofobia, que emperre o desenvolvimento ou dificulte o aprendizado em decorrência da recusa à absorção de termos e formas não vernáculos. A incorporação crítica e não a absorção acrítica entendo ser o caminho, pois, na verdade, a questão é uma questão linguística e político-cultural. (CARVALHO, 2009, p. 79)

## Referências

- ALKMIN, Tania. Sociolinguística — Parte I. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.
- ANDRADE, Maria Margarida e MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 2001.
- ASSIRATI, Elaine Therezinha. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*: São Paulo, v.42 (n.esp.), pp. 121-145, 1998.
- BAGNO, Marcos. *Norma linguística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Da Linguística formal à Linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMACHO, Roberto Gomes. O formal e o funcional na teoria variacionista. In RONCARATI, Claudia e ABRAÇADO, Jussara. (orgs) *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 2002.
- CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. In ALVES, Ieda Maria et al (orgs.). *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. v. 1, 255p.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MARTELLOTA, M.E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.
- COAN, Márluce e FREITAG, Raquel Meister Ko.. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios da Linguagem*, Volume 4, nº 2 – 2º Semestre 2010. p. 173-194.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Os estrangeirismos da língua portuguesa*: vocabulário histórico etimológico. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

FARACO, Carlos Alberto (org.) *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

FIORIN, José Luiz (org) *Introdução à linguística — objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2001.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb e NASCIMENTO, André Marques do. *Sociolinguística Variacionista e Funcionalismo: confluências epistemológicas*. In MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C.. (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 357-369.

GARCEZ, Pedro de Moraes e ZILLES, Ana Stahl Maria. *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. In FARACO, Carlos Alberto (org.) *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

GONÇALVES, Clezio Roberto. *Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, 349p. Tese (Doutorado).

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larouse, 1975.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de. *Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica TradTerm*, São Paulo, v. 20, dezembro/2012, p. 111-128.

LABATE, Francisco Gilberto. *Vocabulário da economia*: formas de apresentação dos estrangeirismos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. 136p.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul*. Curitiba/PR: Universidade Federal do Paraná, 2004, 261p. Tese (Doutorado).

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro*. In BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Luciana Pissolato e ALVES, Ieda Maria. *Constituição morfossintática do léxico da genética molecular: a produtividade dos processos de formação de palavras*. TermNeo, 2007, p. 1-9.

PERES, Edenize Ponzo. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. Belo Horizonte/MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, 247p. Tese (Doutorado).

PRADO, Daniela de Faria. *Uma análise das inserções dos empréstimos linguísticos da área da informática no Dicionário Aurélio XXI*. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. 138p.

ROCHA, Ana. *Termos básicos de literatura, linguística e gramática*. Porto: Europa-América, 1997.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424